

'A Queda do Céu'
selecionado para
mostra de Cannes

PÁGINA 3



Gabriel Grossi
grava obra-prima
de J. S. Bach

PÁGINA 6



Espectáculo
itinerante percorre
as ruas da Lapa

PÁGINA 5



2º CADERNO

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Pingando sangue, ao retratar uma América fraturada, “Guerra Civil” (“Civil War”) ocupa o primeiro lugar nas bilheteiras dos EUA, com uma receita de US\$ 25 milhões, e periga repetir o feito mundo adentro – inclusive no Brasil, onde estreia hoje – ampliando a popularidade de Wagner Moura. O intérprete do Capitão Nascimento tem um dos papéis principais do thriller político dirigido pelo escritor inglês Alex Garland, que ganhou notoriedade primeiro pela via da literatura, em 1996, ao lançar “A Praia” – filmado em 2020, com Leonardo DiCaprio.

Ele dá a Wagner o papel de um ambicioso jornalista, Joel, que cruza os EUA tentando entrevistar o presidente num amanhã distópico em que a Casa Branca ruiu. É um dos grandes papéis do astro baiano, que hoje ocupa a streaminguesfera em múltiplas latitudes, a começar por sua incursão no posto de cineasta: “Marighella”.

Lançado na Berlinale, em 2019, o filme estreou em 2021, depois de passar por mil pressões no governo Bolsonaro, e virou um sucesso de público e crítica em meio à pandemia. É possível vê-lo na Globoplay, onde sucessos do passado de Wagner estão disponíveis. É o caso de “Deus É Brasileiro” (2000), um blockbuster de Cacá Diegues no qual ele vive o malandro Taoca, que vira guia do Todo-Poderoso (Antonio Fagundes) em sua passagem pela Terra. Na mesma plataforma é possível vê-lo em “Saneamento Básico” (2007), de Jorge Furtado, integrando uma trupe de cinema amadora no Sul do Brasil.

Ainda no streaming da Globo está “Praia do Futuro” (2014), que concorreu ao Urso de Ouro do Festival de Berlim há dez anos. Sob a direção de Karim Aïnouz, Wagner encarna um salva-vidas do Ceará



Wagner Moura integra o elenco de ‘Guerra Civil’

Diamond Films

Até o Capitão Nascimento aplaudiria

Astro de ‘Guerra Civil’, sucesso de bilheteria nos EUA que estreia nesta quinta no Brasil, Wagner Moura ocupa os streamings com filmes que mostram sua versatilidade

que larga tudo e parte para Berlim a fim de viver um grande amor.

Globoplay e Netflix trazem Wagner no

elenco central de “Cidade Baixa”, que conquistou o troféu Redentor de Melhor Filme na Première Brasil do Festival do Rio em

2005. Na ocasião, Alice Braga ganhou o troféu de Melhor Atriz, estrelando um triângulo amoroso no submundo da Bahia, onde ela vive uma garota de programa disputada por dois amigos fidelíssimos: um boxeador, Deco (Lázaro Ramos), e o assaltante Naldinho (Wagner Moura pré Capitão Nascimento). A produção conquistou ainda o Prêmio da Juventude em Cannes.

Ainda na Netflix, além de “Tropa de Elite” (Urso de Ouro de 2008), com o Capitão Nascimento no auge de sua crise de pânico, mata-se a saudade de Wagner em “Carandiru” (2003), de Hector Babenco (1946-2016). Lá também é possível ver “A Busca”, prêmio de júri popular no Festival do Rio de 2012; “Wasp Network: Rede de Espiões” (2019), de Olivier Assayas; e “Sergio” (2020), de Greg Barker.

Já na Amazon Prime é possível escutar a voz de Wagner em duas animações: “Meu Tio José”, longa da Bahia, e o fenômeno de bilheteria hollywoodiano “Gato de Botas 2: O Último Pedido”.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

O Curta Cinema exibirá 150 títulos de 32 países

Festival Curta Cinema começa nesta quarta no Estação NET

Entre os dias 17 e 24 de abril, no Estação Net Botafogo, os cariocas terão a oportunidade de assistir - com entrada gratuita - a produções inéditas brasileiras e de outros 31 países, muitas delas já consagradas em grandes festivais internacionais como Cannes, Locarno e Berlim, no 33º ano do Festival Curta Cinema.

Leilão on-line

Com o objetivo de simplificar a vida, o arquiteto Chicó Gouvêa vai leiloar mais de 900 itens de sua coleção pessoal a partir do dia 29 no site Bolsa de Arte. O leilão acontece on-line, mas as visitas ao acervo acontecem de forma presencial até o dia 26.

Brasil em destaque

O Brasil é o país convidado de honra da 36ª edição da Feira Internacional do Livro de Bogotá (FILBo), que será aberta nesta quarta-feira (17) e vai até 2 de maio deste ano. O pavilhão brasileiro ocupará um espaço dedicado de 3.600m².

Os ingressos para as sessões são limitados e podem ser retirados na bilheteria uma hora antes de cada sessão. As salas estão sujeitas a lotação.

Toda a programação, que inclui sessões de filmes em São Paulo, no Museu da Imagem e do Som, pode ser conferida no site www.curta-cinema.com.br.

Resistir é preciso

Atacada por três cães da raça pitbull quando caminhava pela Praia da Vila, em Saquarema, a escritora e poetisa Roseana Murray, que após o ocorrido perdeu o braço direito e uma orelha, escreveu seu primeiro poema após o ataque.

Derrota

O ministro Luiz Fux, do STF, derrubou uma decisão do Tribunal Regional do Trabalho do Rio de Janeiro que obrigava a Globo a pagar uma indenização de R\$ 3,5 milhões ao autor Euclides Marinho, que trabalhou na emissora por 41 anos.

CRÍTICA / CINEMA / GUERRA CIVIL

Aconteceu, virou manchete

Diamond Films



'Guerra Civil' é um dos trabalhos de maior pujança de Wagner Moura fora e dentro do Brasil. É sua melhor atuação desde o *Capitão Nascimento*, de *Tropa de Elite*

Desenhado da obrigação de contextualizar a plateia acerca do episódio sintetizado em seu título, "Guerra Civil" assume que há um racha nos EUA, mas não explica hora alguma o que levou aquele país ao colapso. Não se sabe quem guerreia contra quem e o presidente, vivido por Nick Offerman, também não elucida dúvidas, preferindo bradar ódio, anunciando uma retaliação que não chega. Tem pessoas armadas em lados opostos das ruas, em barricadas. O motivo é um enigma, mas há uma secessão. É uma distopia, um futuro torto. Mas não lhe sobra espaço para um fiapo sequer de fantasia. Tudo é de realismo áspero, como vem sendo comum nos filmes do cineasta Alex Garland, um diretor autor. "Men" (2022) e "Ex-Machina" (2015) são tra-

tados de sua descrença (aparente) na capacidade humana de superar delitos e vaidades. Não por acaso, o time de protagonistas, uma esquadra de jornalistas, passa a léguas do heroísmo, apesar de rasgos de coragem que passam pela necessidade de sobrevivência.

São repórteres de diferentes graus de experiência, sendo a fotojornalista Lee (Kristen Dunst) a que mais tem vivência in loco em zonas de conflito. É uma figura amarga, que não cuida de sua aparência, devotada à ideia de registrar a brutalidade dos combates que ceifam vidas. Seu esteio é sábio produtor de reportagem, Sammy, vivido por um inspirado Stephen McKinley Henderson, responsável pela sequência mais catártica do longa. Há uma fotógrafa ainda iniciante, Jesse (Cailee Spaeny). Por fim, há ainda o abutre, aquele

profissional obcecado pela notícia a qualquer custo, que se jubila ao ver brutalidades, por saber que ali há um furo: Joel, figura controversa que Wagner Moura é capaz de humanizar. É um dos trabalhos de maior pujança do ator baiano, fora e dentro do Brasil. É sua melhor atuação - de longe! - desde o *Capitão Nascimento* de "Tropa de Elite" (2007-2010).

Esse quatro flanam por uma América em chamas buscando registros para o hoje e o amanhã, sem amarras de marketing e sem vetores comerciais que os controlem. A causa deles: ter um fato que figure nas manchetes, ainda que impresso a segue. A montagem do filme eletriza do começo ao fim, sobretudo na breve, mas perturbadora sequência com Jesse Plemons de bolsominion. (R.F.)

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com raízes fincadas no livro homônimo do xamã Davi Kopenawa e do antropólogo Bruce Albert, o experimento documental “A Queda do Céu”, de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha, vai representar o Brasil na Quinzena de Cineastas do 77º Festival de Cannes (14 a 25 de maio). A mostra rola paralelamente à competição oficial pela Palma de Ouro e, este ano, terá um prêmio especial de júri popular.

Editado pelo bamba da montagem Renato Vallone, o filme é centrado na festa Reahu, ritual funerário e a mais importante cerimônia dos povos Yanomami, que reúne centenas de parentes dos mortos com a finalidade de apagar todos os rastros daquele que se foi e assim colocá-lo em esquecimento.

A partir de três eixos fundamentais do livro (Convite, Diagnóstico e Alerta), o longa apresenta a cosmologia do povo Yanomami, o mundo dos espíritos Xapiri, o trabalho dos xamãs para segurar o céu e curar o mundo das doenças produzidas pelos não-indígenas, o garimpo ilegal e o cerco promovido pelo povo da mercadoria e a vingança da Terra. “A Queda do Céu” é a expressão cinematográfica do arrebatamento que tivemos ao ler o livro, mas principalmente da nossa relação e do que foi vivido em carne, osso e espírito ao longo dos últimos sete anos ao lado de Davi, Watoriki e os Yanomami”, diz Gabriela, também atriz. “É um filme aonde a câmera não olha só para os Yanomami, mas para nós não indígenas também. E isso sempre foi um fundamento do filme tanto para mim quanto para Eryk. Trabalhamos para fazer um filme que expressasse a materialidade onírica de uma relação”.

Filho de Glauber Rocha (que foi laureado na Croisette, há 55 anos, com a Melhor Direção por “O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro”), Eryk regressa a Cannes oito anos depois de ter saído de lá com o troféu L’Oeil d’Or (a Palma dos filmes documentais) por “Cinema Novo” (2016). Há 20 anos, ele esteve lá também com o curta “Quimera”, codirigido por Tunga. “Uma alegria imensa retornar ao festival. Agora, com a ‘A Queda do Céu’ na Quinzena de Cineastas, será uma belíssima oportunidade e uma dupla celebração: de ver e ouvir explodir na tela o sonho e a luta do povo Yanomami e da força poética e geopolítica do xamã, filósofo e líder Davi Kopenawa. Celebra-se ainda a chance de acompanhar a trajetória de um cinema em que acreditamos e que está fora dos modismos e das



Inspirado pela sabedoria de Davi Kopenawa, ‘A Queda do Céu’ integra a vitrine da Quinzena de Cineastas

Tem Brasil na Quinzena de Cannes

O experimento ‘A Queda do Céu’, de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha, integra a seleção da mostra paralela mais prestigiosa do festival francês



Divulgação

convencões. Um cinema sem fórmulas, que navega no desconhecido, que transita entre a materialidade e o espírito e cuja linguagem surge da nossa relação com os Yanomamis

e a comunidade de Watoriki, e que nasce, também, do nosso encontro com artistas Yanomamis que participaram criativamente da realização deste filme”, comenta Eryk.

Vai ter filme brasileiro também na Semana da Crítica, outra vitrine paralela à brigada pela Palma dourada: “Baby”, do mineiro Marcelo Caetano (de “Corpo Elétrico”). É uma trama sobre resiliência. Logo após ser liberado de um Centro de Detenção para jovens, Wellington (João Pedro Mariano) se vê à deriva nas ruas de São Paulo. Durante uma visita a um cinema pornô, ele conhece Ronaldo (Ricardo Teodoro), um garoto de programa, que lhe ensina novas formas de sobreviver. Aos poucos, a relação dos dois se transforma em uma paixão cheia de conflitos, entre a exploração e a proteção, o ciúme e a cumplicidade.

Todo ano a Quinzena sedia a entrega de um troféu honorário, chamado Carroça de Ouro. Este ano, a honraria será entregue à diretora inglesa Andrea Arnold. Ela ganhou no Oscar de Melhor Curta Live Cation, em 2005, com “Wasp”, e recebeu o Prêmio do Júri da Croisette nas três vezes em que disputou a Palma, sendo laureada por “Docinho da América” (2016), “Aquário” (2009) e “Marcas da Vida” (2006).

Aos 63 anos, ela concorre de novo este ano, com o esperado “Bird”. Antes dela, a Carroça dourada de Cannes, criada em 2002 e batizada em homenagem ao título francês de um cult de Jean Renoir (1894-1979) de 1952 (“Le Carrosse d’Or”), foi dada a Clint Eastwood, Nanni Moretti, Ousmane Sembène, David Cronenberg, Jim Jarmusch, Naomi Kawase, Agnès Varda, Jafar Panahi, Jane Campion, Jia Zhangke, Martin Scorsese, John Carpenter, Frederick Wiseman, Kelly Reichardt e Souleymane Cissé.

Novos filmes brasileiros podem ser anunciados nos próximos dias conforme Cannes finaliza os anúncios de sua programação integral.

Por Rodrigo Fonseca

Enchendo sessões no Espaço Itaú, no Estação NET Gávea e no Estação NET Rio, em sessões variadas, “Dias Perfeitos” (“Perfect Days”) já estreou no streaming, na MUBI, mas não arreda pé do circuito. Estreou em fevereiro e segue firme e forte como um dos títulos de maior busca pelo público carioca. Firma-se como sucesso e se candidata a cult.

Escrito em três semanas a partir da encomenda de um projeto documental sobre os banheiros públicos do Japão, “Dias Perfeitos” rompeu com a demanda da não ficção e nasceu filme em forma de drama, rodado em 17 dias.

Indicado ao Oscar, ele fatura firma. Sua bilheteria até agora beira uma cifra estimada em US\$ 23 milhões, o que dá a ele impacto comercial. É um valor que reacende a estrela de boa sorte de seu realizador, o alemão Wim Wenders, no céu de Hollywood. Na década passada, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas hollywoodiana acolheu seu nome entre seus concorrentes pelos cults “Pina” (2011) e “O Sal da Terra” (2014), feito em duo com Juliano Ribeiro Salgado. Wenders agora volta com um filme cujo CEP é japonês, fíncado a uma genealogia que o cineasta germânico de 78 anos aprendeu a conhecer a partir de sua cinefilia.

Radiante do primeiro ao último fotograma, “Dias Perfeitos” bate cabeça para o titã Yasujiro Ozu (1903-1963), diretor de joias como “Também Fomos Felizes” (1951), “Dia de Outono” (1960) e “A Rotina Tem Seu Encanto” (1962). Em sua formação de olhar, em paralelo a seu trabalho como fotógrafo, Wenders refestelou-se nos filmes dele. A fim de prestar tributo a ele, rodou “Tokyo-Ga”, um poema documental de 1985, que é uma espécie de retrato fantasma a circundar as franjas delicadas de seus “Dias Perfeitos”.

É um espectro que ronda o olhar de Wenders não como assombração, mas, sim, como se



Pequenos conflitos tiram o protagonista de ‘Dias Perfeitos’ do prumo num longa rodado no Japão, em 17 dias

Wim Wenders imparável

Divulgação

Já em streaming, na MUBI, ‘Dias Perfeitos’ se firma como o maior sucesso do cineasta alemão no país desde ‘Buena Vista Social Club’, sem arredar pé do circuito

fosse um alumbramento, pois se dá uma espécie de simbiose entre dois filmes.

Cada um com seu modo de ser cinema, eles traduzem momentos distintos de Wenders pelo país que ajudou a formar seu imaginário. Com Ozu, ele aprendeu a cultivar a serenidade do dia a dia.



Koji Yakusho foi laureado em Cannes no papel do zelador Hirayama

É esse o princípio que rege o cotidiano de Hirayama, um zelador vivido nas raias do esplendor por Koji Yakusho. Não se trata de um princípio de inércia. É o princípio da contemplação. O que se dá em cena é um rito contemplativo dos momentos que abrem mão de viradas bruscas.

Ele vem da mesma paisagem humana dos filmes de Ozu. Filmas para os quais “Tokyo-Ga” olha de modo melancólico, como se algo defunto de outrora estivesse a agrihoar seu entendimento do cinema naquilo que o semiólogo Roland Barthes chamava de “foi aí”, ou seja, o partícipio da construção

artística, um resquício pretérito. Mas a mirada que guia “Dias Perfeitos” é o gerúndio, ou seja, um tempo de fricção.

Depois de uma longa fase documental, iniciada com o fenômeno “Buena Vista Social Club”, em 1999, Wenders volta lépido às telas, fazendo ficção, agarrado à poesia numa vertente heraclitiana ciente de que não se pode, jamais, molhar-se nas mesmas águas ao visitar um mesmo rio, pois tudo muda. Acompanhamos, em sua trama, a vida de Hirayama, um limpador de latrinas. O papel deu a Koji o prêmio de Melhor Ator de Cannes.

Seguimos essa figura a partir da informação sentimental de que ele ama o rock’n’roll raz, degustando o ritmo em fitas K-7. Gosta também de ler. Ponto. Sua vida é isso: é se abrir à melodia e às palavras. Situações sutis com colegas de trabalho e múltiplas reminiscências de seu passado vão cruzar seu caminho, mas não vão abalar a harmonia que ele criou. Harmonia que a edição de Toni Froschhammer absorve numa acolhedora montagem, capaz de valorizar a luz apolínea da fotografia de Franz Lustig. É um filme que nos leva ao deleite das simplicidades e dos abismos que nos aferram a incertezas. É um Wenders sublime.

O grupo Teatro ao Redor apresenta nos próximos dias 20, 21 e 28 uma versão itinerante da peça de teatro documentário “69 Cômodos”, no Cortiço Chora Vinagre. O espetáculo ancorado na linguagem site-specific (termo que significa criar uma obra artística específica para um determinado espaço) aborda as relações entre pessoas comuns, suas casas e a cidade. A dramaturgia é fruto de entrevistas com moradores de cinco bairros do Rio, cujas histórias de alguma forma se entrecruzam com a desta vila centenária.

A encenação tem início na Rua dos Inválidos, ao frente ao número 124, e segue pelos corredores do cortiço, que mantém suas características arquitetônicas do século XIX, com 69 cômodos - daí o nome do espetáculo - divididos em quartos de 12 metros quadrados e dependências compartilhadas, como banheiros, cozinhas e lavanderias.

O Chora Vinagre, símbolo vivo da história da população negra no Brasil, carrega em suas paredes as marcas de um passado colonial. Em seus primeiros anos, o casario foi usado como local de comércio de pessoas escravizadas e ainda hoje é possível ver na entrada um calçamento conhecido como chão pé-de-moleque. Tal nomenclatura faz referência às crianças filhas de escravizados que aplicavam as pedras no solo, ajeitando-as com os pés.

Durante o trajeto, a plateia também estará suscetível a estímulos sensoriais, como latidos de cachorros, movimentos de moradores, ruídos de televisão e o aroma de feijão cozinhando. Essas intervenções cotidianas provenientes de um espaço em pleno funcionamento enriquecem e modificam a encenação, promovendo um diálogo autêntico entre a performance e o ambiente.

Nossa proposta com a versão site-specific da peça 69 cômodos é fazer com que o público se sin-



Clarisse Zarvos, Rach Araújo, Léa Cunha, Zeza Barral, Alex Teixeira, na Rua dos Inválidos

Peça itinerante percorre a Lapa

Teatro ao Redor encena versão site-specific do espetáculo 69 Cômodos, criado a partir de histórias de moradores da vila residencial que existe há quase 150 anos

dentro da trama, uma vez que não existe uma separação nítida entre atores e espectadores, tampouco entre ficção e realidade. Estamos operando no limiar do hibridismo – revela Alex Teixeira, que ao lado de Clarisse Zarvos assina a dramaturgia e a direção do espetáculo.

A peça é comandada por quatro performers - Alex Teixeira, Clarisse Zarvos, Rach Araújo e Zeza Barral - além da participação da artista Leah, moradora do Chora Vinagre. O grupo utiliza metalinguagem, música ao vivo (com composições de Genaro da Bahia, também morador) e projeções em vídeos para fabu-

lar histórias reais. O material é fruto de uma pesquisa de campo empenhada pelo coletivo, que por dois meses filmou e conversou com diversas pessoas nos bairros da Lapa, Oswaldo Cruz, Penha, Gávea e Pavuna, onde encontraram personagens intrigantes, como um ex-compositor da Mangueira, uma criadora de pássaros envolvida em rinhas de aves, uma senhora residente há mais de 90 anos na mesma rua e uma criança que sonha em se tornar atriz de séries coreanas.

69 Cômodos representa uma continuação de nossa pesquisa sobre temáticas urbanas. Na peça, o universo da casa não

é visto em separação ao ambiente da rua, o que revela diferentes interações entre espaço público e privado - destaca Clarisse Zarvos.

Esta é a segunda criação do Teatro ao Redor, sendo a primeira a peça itinerante ‘Travessia Tiradentes’ (2022), que revisita a memória cultural e boêmia da Praça Tiradentes e seus arredores.

SERVIÇO

69 CÔMODOS
Cortiço Chora Vinagre (Rua dos Inválidos, 124, Lapa)
20, 21 e 28/4, às 18h30
Entrada franca

Uma prece para gaita e violoncelo

Numa gravação encantadora, Gabriel Grossi e Jaques Morelenbaum recriam a célebre 'Ária da Quarta Corda', de Bach

Por Affonso Nunes

Criada por August Wilhelmj (1845-1908) numa adaptação da Suíte nº 3 para Orquestra, de Johann Sebastian Bach (1685-1750), a "Ária na Corda Sol (G)" ou "Ária da Quarta Corda" é uma das peças mais conhecidas do repertório erudito, sendo executada em várias formações de concerto e citada com frequência em trilhas sonoras do

cinema.

A suíte original de Bach, dedicada ao Príncipe Leopoldo da Prússia, foi escrita em Ré Maior entre 1717 e 1723. Wilhelmj inovou ao tocar a peça em apenas uma corda de seu violino, a 4ª corda, que é normalmente afinada em Sol (G).

Muitos e muitos anos depois do feito de Wilhelmj, dois expoentes da música brasileira contemporânea se uniram para reviver a renomada obra: o gaitista Gabriel Grossi e o cellista



Morelenbaum e Grossi revivem a tocante 'Ária da Quarta Corda'

Jaques Morelenbaum acabam de lançar nas plataformas digitais um single com sua leitura para a ária bachiana.

Neste encontro único, Grossi e Morelenbaum apresentam uma versão emocionante da icônica ária, trazendo um tempero especial e convidando os ouvintes para uma jornada sonora. Este é um lançamento disponível em

todas as plataformas de música.

"Essa composição é como uma prece pra mim e traduz muito sobre o poder que a música tem em transformar nossos momentos e nossas vidas. Uma alegria enorme ter gravado essa pérola ao lado desse amigo e referência que é Jaques Morelenbaum", comemora Grossi, que é reconhecido como um dos

maiores harmonicistas da atualidade mundo, além de ser um compositor e produtor de destaque com olhar tanto na música popular quanto na erudita.

Morelenbaum, por sua vez, é um nome incontestável da música brasileira, tanto pela maestria em seu instrumento quanto por suas habilidades como compositor e arranjador.

CRÍTICA / SHOW / WILL SANTT

Com vocês, a **Bossa Novíssima**

Por Affonso Nunes

Alguma coisa aconteceu no coração de quem foi no início da noite do último domingo (14) ao Blue Note Rio. Ali na mesma Copacabana onde nasceu a Bossa Nova pode-se dizer com segurança que o gênero não é datado e se renova com brilho jovial. No palco da casa, um paulista, filho de baianos, o cantor e compositor Will Santt, de 21 anos e que sequer conhecia o Rio, mostrou com todos os acordes a que tem direito porque vem sendo saudado em festivais e apresentações na Europa e nos Estados Unidos seja interpretando clássicos do gênero seja mostrando um inventivo trabalho autoral como no impressionante álbum "Meu Caminho" (2023).



Roberto Menescal participou do show referendando o talento de Will Santt

Impressionante porque o caminho do jovem músico que iniciou a carreira executando clássicos de

João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Cactano Veloso e Gilberto Gil desaguou um artista

de personalidade. Com um banquinho e violão, Will preenche espaços com uma mão direita que une téc-

nica e emoção e um timbre de voz peculiar, afinadíssimo em tom tipicamente joão gilbertiano até mesmo na emissão da voz.

No show, emocionou os presentes com interpretações de maestria (e conhecimento de causa) para clássicos como "Desafinado", "Doralice", "Samba da Minha Terra", "Garota de Ipanema" e "Bolinha de Papel". Emocionou ainda mais ao chamar o lendário Roberto Menescal com quem dividiu "O Barquinho", "Só Danço Samba" e "Corcovado".

Mas, acreditem, o melhor está no trabalho autoral de Will. Canções como "Meu Caminho", "Eu Canto Pra Você", "Lamento de Deus" e "Baiana Preta" revelam um compositor pronto para brilhar. Will Santt é o cartão de visitas para uma Bossa Novíssima e oxalá que surjam outros de sua geração a lhe fazer companhia na cena brasileira.

Alice Valentim



A hora da arte outsider

Bienal de Veneza mira os modernismos da periferia e faz o museu dos excluídos



O mercado também ficou eriçado com a chance de estampar o cobiçado carimbo de Veneza no passaporte de artistas que antes circulariam com muita dificuldade pelos centros do alto escalão da economia de galerias e leilões

Por **Silas Martí** (Folhapress)

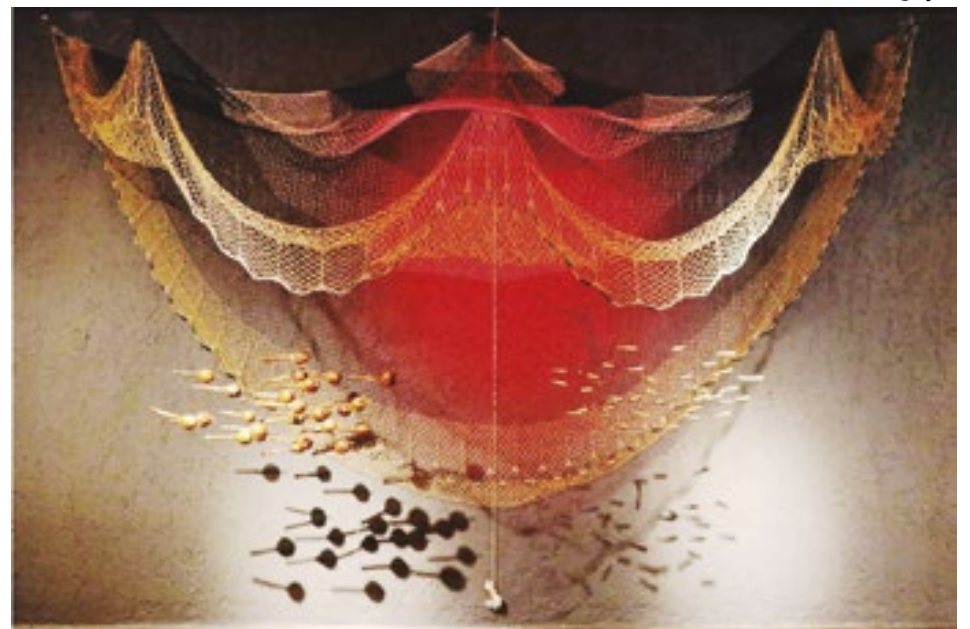
Na entrada do pavilhão central da Bienal de Veneza, Adriano Pedrosa conta que já tinha na cabeça há mais de uma década a ideia que levaria à maior mostra de arte do mundo caso um dia fosse chamado a assumir o seu comando.

O chamado veio, e aquele passado se choca com o presente. Se no átrio da primeira galeria brilha um neon que dá nome à exposição, dizendo “Stranieri Ovunque”, ou estrangeiros por toda parte, obra de Claire Fontaine, dupla de artistas europeus radicada na Itália, a fachada do prédio neoclássico está toda estampada com um mural do Movimento dos Artistas Huni Kuin, um coletivo de indígenas brasileiros.

Ele lembra que se “os povos originários são muitas vezes tratados como estrangeiros em sua própria terra”, somos todos estrangeiros em algum grau, rodeados de outros estrangeiros, não importa onde estivermos no mundo.

O estrangeiro, no caso, roça o estranho, uma aproximação linguística que Pedrosa gosta de frisar. Nesse ponto, o elenco superlativo desta 60ª Bienal de Veneza, com 331 nomes, o dobro do habitual, está formado por aqueles que de fato deixaram sua terra natal para rodar o mundo, em migrações forçadas ou não, aqueles que se identificam como queer, de corpos ou sexualidades ditos desviantes, os chamados outsiders, artistas autôditas distantes dos cânones de sua época, e indígenas de todo o planeta.

Desde que Pedrosa, também diretor artís-



tico do Masp, em São Paulo, foi escalado para comandar a mostra italiana, um certo frisson atravessa o chamado sul global, na expectativa de que o primeiro latino-americano no cargo em mais de um século de história do evento levaria ao centro do mundo da arte figuras nunca vistas da periferia do planeta.

O mercado também ficou eriçado com a chance de estampar o cobiçado carimbo de Veneza no passaporte de artistas que antes circulariam com muita dificuldade pelos centros do alto escalão da economia de galerias e leilões. “Muitos são figuras conhecidas, canônicas em seus países, mas desconhecidas em outros lugares”, diz Pedrosa. “Pensei no que era importante mostrar aqui, porque sei que isso é um ponto de inflexão na vida de um artista e muda a vida deles.”

Ou a morte, no caso. A maioria dos no-

mes escalados para a mostra já morreu. Em grande parte, são figuras que marcaram as correntes modernistas do início do século passado, entre eles o cubano Wilfredo Lam, os mexicanos Diego Rivera e Frida Kahlo, os brasileiros Candido Portinari, Cícero Dias, Emiliano Di Cavalcanti, Ismael Nery, Maria Martins e Tarsila do Amaral, o venezuelano Armando Reverón, o uruguaio Joaquín Torres-García e o indiano Francis Newton Souza, para pinçar nomes famosos.

Mesmo antes da abertura da mostra para os jornalistas e os VIPs, Pedrosa já vinha rebatendo críticas de que sua exposição de arte contemporânea olhava mais para o passado do que para o presente, uma seleção mais com cara de museu empoeirado do que uma constelação de “new faces”, digamos, pronta para entrar no radar da crítica e do público. Não há problema nisso, mas há maneiras e maneiras de construir diálogos poderosos com o passado, longínquo ou próximo.

“O modernismo viajou muito pelo mundo. Foi devorado, canibalizado”, diz Pedrosa. “E muitos artistas viajaram por muitos modernismos.” Os momentos históricos da mostra, destacados dessa forma e encerrados em espaços à parte, de fato deixam isso nítido - e não deixam de impressionar, apesar do excesso, pelo efeito de comparação sublime entre exercícios estéticos tão próximos apesar de construídos a distâncias tão grandes.

Pedrosa, que costuma dizer que não há regras para a construção de uma exposição, seguiu obediente o seu próprio manual em Veneza. A fórmula de sucesso, aclamada mundo afora por corroer a rigidez dos museus a partir de dentro, transformando acervos e reinventando montagens, agora é posta à prova fora do museu, e no maior palco do planeta.

Ana Carolina Fernandes



Como uma Onda

Olhares distintos

Casa Tao Brasil recebe três exposições fotográficas

Joaquim Paiva



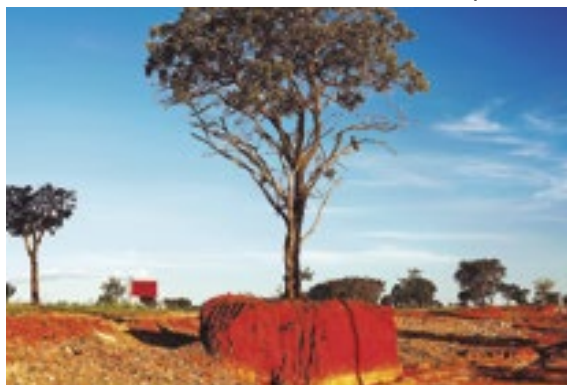
Rodoviária Brasília

A Casa Tao Brasil, na Lapa, abriu nesta semana três exposições fotográficas, sendo duas individuais de Joaquim Paiva e André Vilaron e a coletiva Como uma Onda, sob a curadoria de artes visuais de Andrea Nestrea e Ateliê Oriente.

A exposição Rodoviária de Brasília, do colecionador e fotógrafo Joaquim Paiva, é um recorte do seu consagrado livro lançado em 2021. São seis registros feitos na década de 1980 de um dos pontos mais pulsantes da capital brasileira, ainda uma cidade em busca de uma identidade.

Já O Quadrilátero, de André Vilaron,

Joaquim Paiva



Rodoviária Brasília

Lu Brito



Como Uma Onda

Ítalo Almeida



Como Uma Onda

traz a visão em sete imagens deste fotógrafo carioca que mora em Brasília desde 2000 e que se debruça sobre a sua história e suas contradições.

E Como uma Onda é fruto da convocatória pública realizada pelo Ateliê Oriente especialmente para o Festival de Fotografia de Tiradentes de 2024 e con-

tém 35 fotografias de diferentes fotógrafos e fotógrafas sobre o tema proposto.

As três exposições são uma realização do Ateliê Oriente, dirigido por Kitty Paranaçu e Paulo Marcos de Mendonça Lima e foram sucesso no Festival de Fotografia de Tiradentes, realizado em março.

Andre Vilaron



O Quadrilátero

SERVIÇO

RODOVIÁRIA DE BRASÍLIA / O QUADRILÁTERO / COMO UMA ONDA
Casa Tao Brasil
(Rua Joaquim Silva, 77 - Lapa)
| Até 31/5, de de terça a domingo
(10h às 19h)
Entrada franca